

**INFORMAMOS QUE ESTA É UMA PRIMEIRA VERSÃO DO TEXTO
APROVADO PARA PUBLICAÇÃO. ESTE ARTIGO AINDA PASSARÁ PELA
FASE DE REVISÃO E DIAGRAMAÇÃO.**

ID: 3051

DOI: <https://doi.org/10.30962/ecomps.3051>

Recebido em: 12/04/2024

Aceito em: 09/12/2024

Perspectivas de raça, gênero e classe sobre o mundo do trabalho na série *As Five*

Romão Matheus Neto

Universidade Federal do Paraná, Curitiba, Paraná, Brasil.

Arthur Henrique Monteiro Silva

Universidade Federal do Paraná, Curitiba, Paraná, Brasil.

Regiane Regina Ribeiro

Universidade Federal do Paraná, Curitiba, Paraná, Brasil.

Resumo: A presente proposta discute de que modo a série *As Five*, da Globoplay, endereça sentidos sobre gênero, classe e raça no mundo do trabalho. Para compreender tal articulação, os conceitos de consubstancialidade e coextensividade são utilizados como operadores teóricos. Privilegia-se como técnica de análise os Modos de Endereçamentos, no intuito de desvendar as intencionalidades dos produtores dos textos audiovisuais e as negociações entre sujeito/espectador. Entende-se que a série corrobora com os avanços dos direitos das mulheres, ainda marcada por uma ampla desigualdade social que pode ser mais ou menos intensificada de acordo com o cruzamento entre as diferentes categorias identitárias.

Palavras-chave: Consubstancialidade. Divisão sexual do trabalho. Ficção seriada. Globoplay. *As Five*.

Perspectives on race, gender, and class in the world of work in the series *As Five*

Abstract: This proposal discusses how the series *As Five*, from Globoplay, addresses gender, class, and race in the world of work. To understand this articulation, the concepts of consubstantiality and coextensivity are used as theoretical operators. The technique of Addressing Modes is used as an analytical tool to uncover the intentions of the producers of audiovisual texts and the negotiations between subject/viewer. The study shows that the series contributes to the advances in women's rights, still marked by wide social inequality that can be intensified depending on the intersection between different identity categories.

Keywords: Consubstanciality. Sexual division of labour. Serial fiction. Globoplay. *As Five*.

Perspectivas de raza, género y clase sobre el mundo laboral en la serie *As Five*

Resumen: La presente propuesta discute cómo la serie *As Five*, de Globoplay, aborda los sentidos sobre género, clase y raza en el mundo laboral. Para comprender esta articulación, se utilizan los conceptos de consustancialidad y coextensividad como operadores teóricos. Se privilegia como técnica de análisis los Modos de Abordaje, con el objetivo de desentrañar las intencionalidades de los productores de los textos audiovisuales y las negociaciones entre sujeto/espectador. Se entiende que la serie contribuye a los avances en los derechos de las mujeres, aún marcada por una amplia desigualdad social que puede ser más a menos intensificada según la intersección entre las diferentes categorías identitarias.

Palabras clave: Consustancialidad. División sexual del trabajo. Ficción serializada. Globoplay. *As Five*.

Introdução

O entendimento de cultura de mídia nos convida a compreender de que modo os textos audiovisuais produzem um conjunto de práticas, valores e discursos, os quais desempenham um papel central na perpetuação ou alargamento de representações que atravessam as diferentes posições de sujeito, como gênero, classe e raça (Kellner, 2001; Ribeiro, 2020). A convergência entre tais marcadores de diferença demonstra como as categorias sociais são construídas socialmente e se desenvolvem mutuamente, em uma coexistência e coprodução. Assim, são relações sociais estruturantes para a reprodução do sistema capitalista, atuando de modo dinâmico e complexo. Portanto, tornam-se fundamentais as análises que consideram tais variáveis de modo integrado, uma vez que não são passíveis de isolamento no nível empírico das práticas sociais (Hirata; Kergoat, 2007; Biroli; Miguel, 2015).

A partir desse plano de fundo, a atual proposta visa discutir de que modo a ficção seriada *As Five* (2020-2024), da Globoplay, endereça sentidos sobre gênero, classe e raça no mundo do trabalho. Criada por Cao Hamburger, a série brasileira é uma continuação de *Malhação: Viva a Diferença* (2017) e acompanha a vida das personagens principais, agora adultas, após um período de cinco anos desde os acontecimentos da temporada original. Benê, Ellen, Keyla, Lica e Tina enfrentam desafios e dilemas em diferentes aspectos da vida ao lidarem com a vida adulta. Ao longo da série, são abordados assuntos como sexualidade, identidade, maternidade, machismo, racismo e inclusão social.

Considerando tal articulação, a discussão baseia-se nos conceitos de divisão sexual do trabalho, os quais dão conta de compreender os princípios de separação e hierarquização

como produtos das relações desiguais entre os sexos/gêneros e organizadores das próprias divisões sociais do trabalho (Hirata; Kergoat, 2007). Em complemento, entendem-se os conceitos de consubstancialidade e coextensividade como ferramentas analíticas para evidenciar também a interconexão entre as relações de classe, gênero e raça, isto é, as múltiplas formas de autodefinição e opressão que conformam as experiências complexas das identidades existentes (Hirata, 2014; Biroli; Miguel, 2015).

O corpus de análise é composto pelo conjunto de endereçamentos presentes na segunda temporada da série supracitada. Por meio de um mapeamento e leitura flutuante dos 18 episódios disponíveis na Globoplay, o intervalo indicado é o que se mostra mais representativo para a discussão aqui proposta, considerando também a serialidade do objeto escolhido. Como técnica de análise, operam-se os Modos de Endereçamento (ME) (Ellsworth, 2001), os quais permitem decodificar as dinâmicas sociais, posições de sujeito, negociações e agências presentes tanto na produção quanto na experiência de "assistir a uma série".

Como fio condutor, o artigo se organiza a partir de três seções. A primeira discute a convergência das categorias analíticas de gênero, classe e raça. Na sequência, descrevemos o objeto empírico e os procedimentos metodológicos. Por fim, partimos para a análise dos endereçamentos da ficção seriada, com o intuito de compreender qual a dimensão comunicacional da consubstancialidade e coextensividade das relações no mundo do trabalho.

O que nos dizem as categorias de gênero, classe e raça? Divisão sexual do trabalho e consubstancialidade das relações sociais

O trabalho, observado como “condição de instrumento da acumulação capitalista e terreno do confronto entre a classe trabalhadora e o capital” (Federici, 2019, p. 11), tem encontrado um destaque particular na pesquisa científica desde os clássicos das Ciências Sociais. Por sua vez, o quadro teórico-epistemológico marxista toma centralidade fundamental neste universo, ao passo que articula o trabalho como um princípio organizador da estrutura social e motor das dinâmicas de exploração nas relações sociais. Cabe destacar o caráter determinante da economia nesta visão da sociedade moderna, na qual o trabalho assalariado é a divisória que conforma elementos do sistema social, como política, cultura e família (SORJ, 2000).

Essa lente analítica é ampliada a partir das críticas dos Estudos Feministas, os quais

denunciam como a figura arquetípica do operário masculino nas fábricas são postas como universais, de modo a ser "a medida de todas as coisas" dentro da Sociologia do Trabalho. Na leitura de autoras como Federici (2019), Hirata e Kergoat (2007) e Scott (1995), a perspectiva marxista não captura as relações de poderes imbricadas a partir das diferenças entre os gêneros/sexos socialmente percebidos no interior da luta de classes. Afinal, mesmo que relegado à esfera privada, o trabalho não assalariado de reprodução social não só é uma base para o capitalismo como também para a hierarquia binária entre homens e mulheres.

Uma ruptura epistemológica importante está no mapeamento da divisão sexual do trabalho como um conceito analítico que, na avaliação de Kergoat (2009, p. 69),

[...] tem por características a destinação prioritária dos homens à esfera produtiva e das mulheres à esfera reprodutiva e, simultaneamente, a ocupação pelos homens das funções de forte valor social agregado (políticas, religiosas, militares etc.).

Tal dimensão sexuada, segundo a autora, é regida pelo princípio de separação (há trabalhos específicos para homens e para mulheres) e de hierarquização (o trabalho de homens possui maior valor social do que o de mulheres). Ao contrário de um ato singular, o conjunto de discursos constantemente citados é legitimado por meio de uma ideologia naturalista que pressupõe uma linearidade entre sexo-gênero, isto é, que o sexo biológico definiria o gênero e, conseqüentemente, todas as práticas e papéis sociais a ele atrelados. Portanto, teorizar esse modo de divisão social fornece subsídios para compreendermos que as práticas e condutas consideradas “femininas” ou “masculinas” não são um resultado da “natureza biológica”, uma vez que ela mesma é um produto de discursos situados na história, cultura e sociedade.

Na mesma linha de pensamento, Hirata (2014) chama atenção para uma reconfiguração da divisão sexual – e racial – do trabalho a partir da década de 1980, quando mulheres brancas de classe média passam a ter maior entrada no mercado de trabalho, investindo em suas carreiras e encarando os afazeres domésticos como dupla ou tripla jornada. Em consequência, elas delegam a mulheres não-brancas, pobres e imigrantes o trabalho que envolve o cuidado em suas diferentes particularidades. Logo, torna-se evidente que a “distribuição” da precariedade e desigualdade envolve uma convergência entre gênero, classe e raça, incluindo suas imbricações históricas e relações de poder.

Nesse âmbito, relembremos as discussões de Fraser (2011), cujas análises destacam que o trabalho de reprodução social, atribuído majoritariamente às mulheres e realizado sem remuneração, é fundamental para a manutenção política, econômica e cultural da sociedade

capitalista. Nesse contexto, as críticas feministas buscavam expor a desigualdade estrutural dessa divisão de trabalho e direitos, evidenciando uma hierarquia androcêntrica. No Norte Global, por exemplo, o conceito do "salário familiar" revelava um modelo em que o homem, como provedor, era o centro do sistema econômico, enquanto o trabalho feminino, se remunerado, servia apenas de apoio.

Segundo a autora, essa dinâmica mudou na ascensão do neoliberalismo, mas de forma ambígua. O ideal do "salário familiar" foi substituído pelo modelo de "duas rendas", no qual ambos os cônjuges heterossexuais são responsáveis pelo sustento do lar, sem, contudo, resolver a precarização do trabalho feminino e a desvalorização do trabalho de cuidado. A crítica feminista ao "salário familiar", antes vista como uma luta por igualdade, passa a ser apropriada pelo sistema capitalista, que transformou tal demanda em mais uma forma de mercantilização.

Ainda para Fraser (2011), o ideal mercantil de emancipação feminina não proporcionou necessariamente melhores condições de vida ou de trabalho, mas sim novas formas de exploração. Mulheres de todas as classes e origens passaram a ocupar espaços de trabalho assalariado, muitas vezes em condições precárias e informais, enquanto o trabalho de cuidado continuou desvalorizado e invisibilizado.

Tais paradigmas estruturam a consubstancialidade, conforme define Kergoat (2010). Trata-se do entrecruzamento inevitável entre os marcadores de diferença/matrizas identitárias centrais que conformam os diferentes modos de exploração e opressão ao nível simbólico e material. Em outras palavras, as categorias de gênero, classe e raça formam um nó que não pode ser desatado no nível das relações sociais, mas somente em uma análise sociológica. Ao mesmo tempo, tais entrelaçamentos também são coextensivos, à medida que se desenvolvem, se reproduzem e se coproduzem mutuamente. Os operadores nos permitem compreender, por exemplo, a discriminação racial e de gênero enfrentada por mulheres negras, que se manifesta na forma de salários mais baixos, dificuldade em conseguir promoções e falta de oportunidades de liderança em relação aos demais extratos da sociedade.

Em uma leitura sobre Kergoat, Garcia (2022) complementa que a consubstancialidade está amparada em três importantes premissas. A primeira é de que, em uma noção materialista, os marcadores de gênero, raça e classe são produtos de relações sociais e, portanto, marcada por conflito, antagonismo e dominação. A segunda é a de que tais embates são dinâmicos e podem se transformar ao longo da história em uma coconstrução. Por fim, a

terceira premissa é a de que há princípios variáveis que precisam ser identificados para a compreensão da consubstancialidade, como a divisão sexual do trabalho definida acima. Nas palavras de Kergoat (2016) *apud* Garcia (2022), a consubstancialidade é uma

[...] unidade de substância entre três entidades distintas, convida a pensar o mesmo e o diferente em um só movimento: 1) não obstante sejam distintas, as relações sociais têm propriedades comuns – daí o emprego do conceito marxiano de relação social com seu conteúdo dialético e materialista para pensar, também, o sexo e a raça; 2) as relações sociais, embora distintas, não podem ser entendidas separadamente, sob o risco de serem reificadas (2016, p. 23).

Em síntese, a consubstancialidade é uma das lentes analíticas que evidenciam como a produção científica, ao pretender ser neutra e objetiva, reflete visões predominantes na sociedade. Tal conceito inclui também a compreensão de que os diferentes mecanismos de opressão estão interligados, sendo impossível estabelecer uma hierarquia entre eles, e reforça a importância de superá-los em sua totalidade (Hirata, 2014; Garcia, 2022).

Consideramos importante demarcar a perspectiva de consubstancialidade – desenvolvida pela socióloga Danièle Kergoat no contexto francês durante os anos 1970 – e da noção de interseccionalidade – articulada por Kimberlé Crenshaw na área do Direito, em uma realidade estadunidense do Feminismo Negro durante os anos 1980. Importantes interpretações (Hirata, 2014; Ribeiro, 2020; Minuzzi; Petermann, 2020) apontam que, para Kergoat, apesar do conceito de interseccionalidade trazer grande contribuição para o campo de investigação, ele é importado da geometria variável, o que naturalizaria as categorias analíticas, em vez de compreendê-las como relações intersubjetivas e sociais historicamente situadas em constantes evoluções e reconfigurações. Outro ponto de contestação é o entendimento de que, ao dar importância a outros ângulos de entrada – religião, nação etc. – além da tríade fundante – gênero, classe e raça –, a lente interseccional fragmentaria as práticas sociais e contribuiria para sua reprodução.

Mesmo compreendendo que o debate sobre gênero, classe e raça não pressupõe necessariamente um campo de estudos homogêneo, concordamos com a ponderação de Biroli e Miguel (2014) de que ambas as noções são complementares, uma vez que possuem como ponto de partida o questionamento das reflexões do marxismo tradicional e mesmo do feminismo da chamada “segunda onda”, as quais particularizam um único eixo de opressão como a raiz de todos os outros. Isso porque o completo isolamento das variáveis resulta em distorções na compreensão das dinâmicas dos padrões de desigualdade.

Considerando que as hierarquias que se constituem na convergência entre os três eixos fundantes não se dão somente no mundo material, mas também no nível simbólico, interessa-nos aqui entender as disputas de sentido produzidas no interior das representações endereçadas pelas ficções seriadas, sobretudo no que concerne a enredos sobre o mundo do trabalho. Na qualidade de textos e imagens, as séries fazem parte de um sistema simbólico de sentidos elaborados e compartilhados socialmente, que permeiam o inconsciente e são inseridos no cotidiano. Desse modo, seus endereçamentos conformam as identidades/posições de sujeito e fornecem referências do que é raça, gênero e classe, sempre em uma relação entre a leitura pretendida pelos produtores e o que é negociado pelos receptores (Kellner, 2001).

Como resume Ribeiro (2020), a relevância de estudar as ficções seriadas – e, neste caso em específico, o mundo do trabalho apresentado em *As Five* – reside no fato de que a temporalidade desses produtos nos permite acompanhar os personagens inseridos em uma cultura audiovisual e televisiva que contribuem para a efetivação ou alargamento de representações endereçadas por discursos implícitos e explícitos sobre determinados grupos sociais, considerando seus contextos e papéis sociais que são consubstanciais e coextensivos.

***As Five*: um breve panorama sobre a ficção seriada da Globoplay**

Com o objetivo de apresentar um texto audiovisual que possibilite uma análise cruzada entre os operadores teóricos e as representações acerca do mundo do trabalho em consubstancialidade com os marcadores de gênero, classe e raça, a série brasileira *As Five* (2020-2024), criada por Cao Hamburger e produzida e distribuída pela Globoplay, apresenta-se como um objeto empírico interessante de ser explorado devido à abordagem de questões relevantes para o público jovem adulto, como relacionamentos amorosos, carreira profissional, amizade, família, sexualidade, identidade, além de problemáticas como machismo e racismo.

A ficção seriada em questão é uma continuação da temporada de 2017 de *Malhação*, híbrido de série e telenovela juvenil produzida e transmitida pela TV Globo¹ entre 1995 e 2019. Com 27 temporadas, o título se consolidou como uma das únicas narrativas que eram centradas nas questões da juventude, associando uma diversidade de temas, como conflitos

¹ A TV Globo é a segunda maior rede de televisão comercial do mundo, alcançando 98,60% do território brasileiro (Negócios Globo, 2015). Integrante do Grupo Globo, um dos principais conglomerados de mídia, que também envolve o streaming Globoplay, a TV é uma das maiores produtoras de telenovelas do mundo.

geracionais, experiências amorosas e inseguranças relacionadas ao "mundo adulto" (Ferreira, 2021). Além dos assuntos em específico, as tramas geralmente envolvem *storylines* centradas no desenvolvimento de um casal de menino e menina em um colégio de classe média, junto a um elenco coadjuvante em seu entorno (Prediger, 2011).

A temporada de 2017, intitulada *Malhação – Viva a Diferença*, no entanto, transformou como as histórias eram contadas e substituiu o foco da narrativa em um casal protagonista por um grupo de cinco garotas como personagens principais, apresentando suas diferentes vivências de classe e raça no mundo social. Nesse sobressalto, o *spin-off* chamado *As Five* acompanha a vida das personagens principais, agora adultas, após um período de cinco anos desde os acontecimentos da temporada original: Keyla (Gabriela Medvedovski), branca, mãe na adolescência, com dificuldades financeiras, romântica e sonhadora; Ellen (Heslaine Vieira), uma jovem negra, mestre em Computação Quântica pelo Massachusetts Institute of Technology (MIT), vinda da região periférica de São Paulo; Tina (Ana Hikari), mulher amarela, descendente de família japonesa e uma DJ que enfrenta as armadilhas da vida pública; Lica (Manoela Aliperti), branca, lésbica, jornalista, rica e mimada, com traumas familiares; e Benê (Daphne Bozaski), branca, uma pianista com Síndrome de Asperger no espectro do autismo.

Planejada para três temporadas, *As Five* teve sua última temporada lançada em março de 2024, totalizando 26 episódios. Um aspecto técnico relevante para esta análise – mesmo não pressupondo um essencialismo das identidades – é que, apesar do criador ser um homem branco, observa-se muita presença feminina nos bastidores da série, tanto na produção quanto na parte técnica, destacando-se roteiristas como Jasmin Tenucci, Luna Grimberg, Ludmila Naves e Francine Barbosa (Globoplay, 2023).

Figura 1: As Five. Da esquerda, para direita: Benê, Tina, Ellen, Lica e Keyla



Fonte: TV Globo/UOL

Tanto a novela quanto o seriado obtiveram uma sequência de reconhecimentos do público e de premiações. A temporada de *Malhação – Viva a Diferença* (2017-2018) foi premiada com um Emmy Internacional na categoria de melhor série infantojuvenil (*Malhação*, 2019), enquanto *As Five* (2020-2024) foi premiada com Prêmio F5, Splash e MTV MIAW. Na pesquisa acadêmica, ambos os audiovisuais também já foram explorados como corpus de análise, e demonstram a potência da narrativa com o universo de fãs. A dissertação *Viva a diferença? As representações das juventudes e das narrativas da diferença em Malhação, sob um olhar decolonial* (Ferreira, 2021) discute como as narrativas da novela representam as diferenças e identidades das juventudes representadas. Já os artigos *A aprendizagem informal na produção de fanfics da série As Five* (Sigiliano et al., 2021) e *Cultura de fãs e literacia midiática: a criação de mundos possíveis pelo fandom de As Five no Twitter* (Vieira et al., 2021) traçam uma análise a partir de operadores teóricos como cultura de fãs, competência midiática e literacia midiática.

Modos de endereçamento: técnica de análise e corpus empírico

A partir de tal plano de fundo, realizamos uma pesquisa exploratória sob a lente analítica da consubstancialidade das relações sociais, para termos um primeiro contato com o objeto empírico e realizar uma leitura flutuante de todos os episódios disponíveis e das

personagens que constituem a série. Considerando as limitações de espaço e tempo, selecionamos como materialidade os endereçamentos presentes na segunda temporada da série, uma vez que ela traz em sua narrativa dinâmicas pertinentes ao tensionamento entre gênero, classe e raça no mundo do trabalho. Tais imbricamentos são observados por três das cinco personagens principais: a relação conflituosa entre Ellen e Lica; e o trabalho da maternidade para Keyla. Neste artigo, não pretendemos esgotar a série estudada, mas compreender as possíveis dimensões comunicacionais da consubstancialidade em uma narrativa audiovisual.

Como técnica de análise, operam-se os Modos de Endereçamento (ME), os quais permitem investigar os textos audiovisuais e as intencionalidades dos seus produtores. Segundo Ellsworth (2001), essa perspectiva analítica baseia-se no entendimento de que um texto midiático não é somente formado por um sistema de imagens – a composição estilística, uso de cores e enquadramentos –, mas por uma estrutura narrativa direcionada e imaginada a públicos estratégicos específicos, mesmo existindo uma distância entre produtor e receptor – seja ela geográfica, ideológica ou simbólica.

Desse modo, o espectador ocupa um espaço social que convoca uma posição de sujeito marcada por relações de poderes de gênero, classe e raça, cujos “[...] pressupostos que o filme constrói sobre quem é o seu público funcionam com o mínimo de esforço, de contradição ou de deslizamento” (Ellsworth, 2001, p.15). Os endereçamentos – isto é, os conjuntos de formações discursivas e de sentidos produzidos – são relacionais, constituídos justamente no evento comunicativo (Hall, 2003) entre as lógicas de produção e as práticas de recepção.

Os modos de endereçamento articulados, pontua Ellsworth, são produtos da diferença entre o “que foi dito” e o “que poderia ter sido dito”. Logo, não há um único discurso coerente e unificado dentro das narrativas, mas formações por vezes contraditórias e conflituosas entre si, nem sempre produzidas e interpretadas de forma consciente.

Em suma, operacionalizamos os ME como dispositivos interpretativos que decodificam as complexas dinâmicas sociais, relações de poder, posições de sujeito, negociações e agências presentes tanto na produção quanto na experiência de “assistir a uma série”. Assim, entendemos a série *As Five* não só como resultados das estruturas empresariais e das competências tecnológicas, mas sobretudo das práticas culturais, políticas e comunicacionais que envolvem a audiência e seu contexto histórico.

As constantes disputas da mulher negra pobre *versus* o privilégio da mulher branca rica

A personagem Ellen Rodrigues, é retratada como a Five mais esforçada, inteligente e “batalhadora”. Sendo a única protagonista negra entre as cinco, também é localizada como a personagem que mora na favela da Brasilândia, em São Paulo. Seus principais conflitos giram em torno das questões raciais, e, principalmente, do custo e do esforço empregado na relação que a personagem constrói entre trabalho e vida pessoal.

Em *Malhação – Viva a Diferença*, Ellen é apresentada como uma estudante extremamente inteligente que consegue uma bolsa de estudos no Colégio Grupo e quer entrar em uma faculdade pública, visto que sua família não tem condições de mantê-la em uma instituição particular. Ainda na temporada original, observa-se como a narrativa coloca a personagem em desafios e embates internos sobre a necessidade constante de se provar merecedora da bolsa de estudos. Durante o *spin-off As Five*, nota-se a continuação deste tema durante um momento em que ela, mestre em Computação Quântica no Massachusetts Institute of Technology (MIT), é convidada a participar de um projeto de trabalho apenas devido à sua vivência na periferia.

Lica é apresentada como uma personagem distante da realidade de Ellen. Ela é retratada como a rebelde, empreendedora, conflituosa, desafiadora das regras e das amarras sociais. Moradora de uma região nobre de São Paulo, é filha do diretor do Colégio Grupo. A narrativa da novela envolve a personagem em tramas mais relacionadas ao desafio aos pais, problemas conjugais de família, rebeldia e questões de sexualidade, especificamente sua descoberta como mulher lésbica.

Enquanto Ellen precisou se esforçar no período da novela para se manter no Colégio Grupo, Lica envolve-se deliberadamente em atos rebeldes no colégio, desafia professores e autoridades e, até mesmo, ausenta-se por um período para fazer um intercâmbio na Europa. Ainda que não seja o objeto principal de nossa análise, é importante tecer como essas personagens foram endereçadas e absorvidas pela audiência, pois se nota uma continuidade desses temas no seriado.

As duas personagens têm uma relação de conquista de seu espaço no mercado de trabalho durante a série *As Five*. No entanto, enfrentam obstáculos consideravelmente diferentes. As duas personagens são jovens, pertencentes a geração Z. Composta por pessoas

nascidas a partir do final da década de 1990 até 2010, é uma geração crescida imersa nas tecnologias digitais, na diversidade cultural e nas crises econômicas. Como profissionais, tendem a ser pessoas com liberdade de experimentação, empreendedoras e inovadoras, colaborativas e com gana de trazer mudanças na sociedade através do seu trabalho (Tapscott, 2010).

Nota-se em Ellen como as dimensões de raça, gênero e classe são interpeladas em sua busca por uma boa posição no mercado de trabalho. Na segunda temporada de *As Five*, Ellen é apresentada como Chief Data Scientist de uma *startup* de tecnologia no Brasil após o término de seu mestrado no MIT, e responde diretamente à sua gestora, Maura (Tamyris O'Hanna), e ao CEO da empresa, Fábio (Luiz Bertazo). Observamos a dinâmica de Ellen com seus gestores, que demandam a criação de um sistema de reconhecimento facial em um tempo curto. A cientista entra em uma série de discussões ao explicar que é necessário assegurar que o *software* não seja discriminatório para pessoas negras.

Enquanto Ellen enfrenta os desafios impostos por seu gestor, Lica está começando um novo projeto profissional – e é importante notar que não é seu primeiro durante a série. Na primeira temporada, a personagem é exibida “pulando” de um emprego a outro e termina como jornalista, mesmo sem formação. Lica é apresentada como se pudesse ter o emprego e a ocupação que quiser, independente do seu esforço acadêmico ou profissional. Já na segunda temporada, ela é demonstrada como empreendedora e criativa – características típicas da geração Z –, encabeçando um projeto de revista online. Na sequência, vemos a festa de lançamento, que ocorre num bar da cidade. A principal temática e motivação das fundadoras da revista é “ampliar a voz de uma geração de mulheres”. No entanto, mesmo que Lica entenda o empoderamento feminino e as disputas travadas no espaço do gênero, ela não é atravessada por demais opressões. Não observamos um local da consubstancialidade de Kergoat (2010) nas relações que a personagem tece com a realidade, sendo evidente que ela não enfrenta problemas raciais ou classistas que possam afetar sua existência e potencial no mundo do trabalho.

Ao comparar as identidades representadas de ambas as personagens no mundo do trabalho, temos divergências significativas. Lica não é formada e não tem um trabalho fixo. Mesmo assim, é a única personagem com um apartamento próprio para si, vivendo uma vida confortável de classe média alta. Enquanto isso, Ellen se formou em uma graduação e mestrado para conseguir entrar no mundo corporativo e, durante a segunda temporada, é

ameaçada constantemente de perder seu emprego – e até mesmo de ser processada caso não entregue o projeto de reconhecimento facial a tempo. Analisando essas relações por meio do conceito de Kergoat (2010), é notável que a convergência de gênero, raça e classe impacta o fazer profissional de ambas as personagens. Afinal, Lica tem o privilégio de poder desafiar as normas sociais e profissionais para conseguir expressar seus projetos. Enquanto isso, Ellen não tem essa plataforma, atravessada por dinâmicas raciais e econômicas que implicam na necessidade de seguir trabalhando em um ambiente racista.

Pela lente analítica da consubstancialidade (Kergoat, 2010; Garcia, 2022), observamos como os mecanismos de opressão operam de forma prevalente na história de Ellen e, ademais, em outras jovens mulheres negras da periferia que se veem na personagem. Ainda que esteja em uma posição de prestígio alcançada pela perspectiva capitalista da meritocracia, seu percurso de trabalho é marcado constantemente pelo “custo mental” produzido pelas relações de conflito e dominação impostas acerca dos marcadores de gênero, raça e classe.

Esse fator enfrentado por mulheres não-brancas foi mapeado pelo *Relatório Global de Desigualdade de Gênero 2023*, do Fórum Econômico Mundial. A partir de 146 países avaliados, o estudo indica que mulheres compõem apenas 29% da força de trabalho nas áreas de ciências, tecnologia, engenharia e matemática. O número é ainda menor no que se refere a mulheres não-brancas: nos Estados Unidos, por exemplo, o contingente diminui para 15% de mulheres latinas e 9% de mulheres negras trabalhando na área. Segundo King (2024), os fatores que fundamentam a desigualdade são falta de promoção, desigualdade salarial, além de stress, burnout e diversidade insuficiente nos ambientes de trabalho.

Além disso, observamos a convergência das problemáticas de gênero e raça no esforço constante de Ellen e Maura ao longo da temporada de não implementar um projeto com características racistas. Tais tentativas são refutadas pelo CEO da empresa, um homem branco que quer lançar o projeto a qualquer custo no cronograma definido pelos investidores. Ao longo da narrativa, observamos como se dá uma relação de submissão de Maura a Fábio, em que ela não consegue convencer seu gestor do cenário proposto contrário. As relações de antagonismo de gênero e raça são referidas na história da personagem: ainda que Maura, uma mulher lésbica negra, esteja ocupando um espaço de liderança na sua empresa, ela trava embates sem sucesso com a alta hierarquia da companhia.

Em uma pesquisa feita pela consultoria Gestão Kairós, especializada em diversidade, apontou-se que, entre 900 líderes entrevistados, apenas 25% são mulheres – e, entre elas,

apenas 3% são negras (Estadão, 2022). Esse cenário não difere das empresas brasileiras de capital aberto na B3, bolsa de valores brasileira: segundo levantamento coordenado pelo professor Carlos Portugal Gouvêa, da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, em 2023, apenas quatro companhias das quase 500 listadas na bolsa possuíam CEO preto ou pardo, demonstrando falta de representatividade substancial nas organizações (Schincariol, 2024).

Logo, ainda que a representação de Maura enderece certa disrupção em relação aos dados da sociedade, o roteiro não pontua a personagem como transformadora do seu ambiente de trabalho a ponto de mudar o processo de produção da empresa. Ou seja, trata-se da diversidade placebo, em que há pessoas representantes de grupos minoritários dentro das corporações, porém não possuem voz ativa dentro dos processos de produção, das decisões e dentro da hierarquia (Monteiro Silva, 2021).

Este argumento é relevante quando pensamos na atual tendência das grandes organizações em lançar mão da abordagem de ESG (sigla em inglês para governança ambiental, social e corporativa), na qual consiste em avaliar as ações de uma corporação sobre sustentabilidade e inclusão de diferentes identidades em seu corpo de pessoas colaboradoras. Os endereçamentos da cena suscitam alguns questionamentos, como: mais do que representatividade nas organizações, qual é a sua posição perante a hierarquia de uma empresa? Mais do que contratar, quais são as estratégias para garantir a permanência dessas pessoas em um ambiente psicologicamente seguro? E, principalmente, até que ponto o diagnóstico da convergência entre raça, classe e gênero é pensado com fins de justiça social ou somente para responder a uma demanda da sociedade? Quais são as negociações simbólicas estabelecidas neste terreno de relações de poder?

Observamos o endereçamento de Ellen como a representação da pauta interseccional e do constante esforço para “se mostrar merecedora”, enquanto Lica representa o lugar de privilégio da liberdade, criatividade e empreendedorismo da geração Z. No final da trama do projeto, notamos até mesmo um artifício de roteiro que induz uma situação pouco provável para uma salvação das personagens negras no projeto. De certa perspectiva, Lica representa uma salvadora branca e a única com poder e capacidade de proteger suas amigas negras no ambiente de trabalho. Por outro lado, também pode-se interpretar tal ação como a utilização do “privilégio branco” de Lica para trazer justiça. De todo modo, entendemos a coextensividade das relações de gênero, raça e classe e a opressão sofrida a nível prático pelas

personagens Ellen e Maura – mesmo que estejam ocupando locais de destaque – ainda não possuem uma voz ativa no ambiente de trabalho.

As implicações da maternidade precoce no mundo do trabalho

A personagem Keyla Maria é apresentada como uma mulher criativa, romântica e sonhadora, mas que não alcançou suas aspirações devido à maternidade. Sua principal trama na novela e no seriado é relacionada à maternidade na adolescência e a dificuldade acadêmica, profissional e financeira que enfrenta devido ao trabalho de ser mãe. Sem apoio familiar para ajudar no cuidado do filho durante a série *As Five*, a personagem precisa contar com a ajuda dos amigos e procura trabalhos com base na necessidade financeira.

Quando observamos a maternidade na adolescência, observam-se consequências mais graves para o caminho profissional trilhado por mulheres-mães. Mães mais jovens enfrentam menores perspectivas educacionais e laborais (Guimarães *et al.*, 2018). De acordo com o projeto *Gravidez e Maternidade na adolescência – um estudo da coorte de 100 milhões de Brasileiros*, desenvolvido pelo Fundo de População das Nações Unidas (UNFPA, sigla para o inglês), em 2014, apenas 28,4% de adolescentes com filhos estavam no ensino regular de escola. Para Dandara Ramos,

[...] depois que se torna mãe, perdem-se direitos: a adolescente não tem mais direito a estudar, a sonhar com uma carreira, a entrar no mundo do trabalho. Esse percurso de sonhos, de formação, de desenvolvimento, é interrompido pela maternidade (UNFPA, 2022).

Esse encadeamento resulta em baixa escolaridade, interferindo na estabilidade financeira e empregabilidade. Os dados não são limitados a um grupo minoritário de pessoas: cerca de 380 mil nascimentos foram de mães até 19 anos de idade em 2020, correspondente a 14% dos partos no país.

Retomando a avaliação de Fraser (2011), a emancipação feminina não proporciona à Keyla uma melhor condição de vida. Pelo contrário, a personagem busca ocupar espaços de trabalho precarizados para sua sobrevivência. Ela é mãe solo de um menino de sete anos e encontra-se fora do mercado formal de empregos. Na primeira temporada, ela trabalha com telemarketing, mas é demitida no primeiro episódio por conta do filho. Na segunda temporada, observamos a personagem lutar pelo seu sonho de ser artista ao mesmo tempo em que lida com a labor maternal. Durante o enredo, observa-se novamente a perda de duas

oportunidades de trabalho por conta das atribuições de ser mãe. Keyla não pode trabalhar como cantora em horários fora do comum porque deve cuidar do filho. É o trabalho dobrado da mãe solo, em que deve estabelecer uma condição financeira ao mesmo tempo em que cuida da educação e bem-estar das crianças – e tudo isso, sem perder o horário ou o humor no trabalho. A emancipação resulta em uma dupla jornada: uma precarizada e outra desvalorizada.

A narrativa evidencia a problemática da divisão sexual do trabalho articulada por Hirata (2014), uma vez que um conjunto de discursos constantemente citados destinam apenas às mulheres – neste caso, a personagem Keyla – as atividades de reprodução social, separando-o e hierarquizando-o em relação ao trabalho masculino. De modo prático, aqui a parentalidade e criação do filho não só é percebida como um trabalho não-remunerado essencialmente feminino, mas posto apenas como um “apêndice do trabalho assalariado”, como se pudesse haver uma separação entre ambas as dimensões no cotidiano.

O impacto da divisão sexual do trabalho não só está em nível simbólico como também material. Uma pesquisa científica produzida pela Faculdade de Economia de Londres em parceria com a Universidade de Princeton e divulgada na revista *The Economist* analisou o que os investigadores chamam de “penalidade da maternidade” em 134 países, número que corresponde a 95% da população mundial (HOW, 2024). De acordo com os dados, uma média de 24% das mulheres deixa o mercado de trabalho após o primeiro ano de nascimento de seus filhos, enquanto 15% se mantêm afastadas após dez anos. Na América Latina, a porcentagem é ainda maior: 38% das mulheres se afastam do mercado de trabalho após o nascimento da primeira criança, enquanto 37% ainda continuam fora após uma década.

Há também a relação de coextensividade, principalmente, entre gênero e classe. Keyla é a personagem com maior dificuldade financeira entre as amigas – é a única que mora de favor no apartamento de um colega. Em dado momento da trama, ela decide trabalhar no contraturno, mas pede para que uma das amigas cuide do filho durante a noite. Isso ressalta as decisões que a personagem sempre precisa tomar entre o trabalho “profissional” ou o trabalho “maternal”.

Além disso, sua família e os pais de seu filho não estão próximos para ajudar no cuidado com a criança. Isso demonstra a relação desigual sofrida pela mulher mãe solo pobre. Ela precisa cuidar do filho, pois não há ninguém mais que possa cuidar, ao mesmo tempo em que precisa ter um emprego que garanta estabilidade financeira para prover ao filho e a si

mesma. Ainda que a personagem busque alcançar seus sonhos profissionais na segunda temporada, nota-se o tamanho dos desafios que ela precisa enfrentar nessa interseccionalidade.

Trata-se do paradigma apontado por Fraser (2011, p. 631) em sua teorização sobre a mercantilização feminina:

[...] em uma extremidade, as mulheres das classes médias, determinadas a quebrar o teto de vidro; em outra, as mulheres interinas, trabalhadoras em tempo parcial, assalariadas de baixa renda, empregadas domésticas, trabalhadoras do sexo, imigrantes, trabalhadoras em zonas francas industriais e clientes em estabelecimentos de microcrédito, em busca não somente de renda e segurança material, mas também de dignidade, de bem-estar e de uma liberação da autoridade tradicional. Nas duas extremidades, o sonho de emancipação das mulheres é sacrificado no altar do capitalismo.

Na representação de Keyla em *As Five*, nota-se o endereçamento da personagem como esperançosa. A personagem representa uma realidade brasileira – a jovem adulta com um filho para cuidar, sem apoio financeiro do pai da criança. Há uma sensação de que os produtores querem trazer um raio de esperança para mulheres como a Keyla. No entanto, como pode-se observar nesse primeiro episódio e ao longo da série, os dois turnos de profissional e mãe são conflituosos e concomitantes – sendo uma relação desigual para a mãe no mundo do trabalho.

Considerações finais

As Five, criada por Cao Hamburger e lançada pela Globoplay em 2020, é uma ficção seriada que endereça a complexidade de experiências e vivências das personagens femininas, tornando-se parte de um sistema simbólico que dão sentido as diferentes posições de sujeito no mundo social (Kellner, 2001). Ao colocarmos uma lente analítica para as representações que discutem as questões de raça, classe e gênero, observamos como a narrativa audiovisual desempenha um papel de debate sobre a consubstancialidade das relações sociais, sobretudo de raça, gênero e classe (Kergoat, 2010; Hirata, 2014).

Notamos que a série endereça discursos sobre as diversas maneiras de ser uma mulher adulta inserida no mundo do trabalho, já que a produção identitária não é vertical, mas articulada aos marcadores de diferença e de autodeterminação. A partir disso, entendem-se as disputas políticas e relações de poder e privilégio que ocorrem nos ambientes profissionais,

exigindo níveis diferentes de acordo com cada cruzamento de categorias identitárias.

A análise de Ellen e Lica nos revela como as dimensões de raça, classe e gênero afetam suas experiências no mundo do trabalho de formas divergentes, destacando a importância do conceito de consubstancialidade (Kergoat, 2010) na compreensão dessas relações. A análise da personagem Keyla revisita as implicações da maternidade precoce no mundo do trabalho e o desafio de conciliá-la com suas aspirações profissionais, demonstrando como a divisão sexual do trabalho (Hirata, 2014) é presente sobretudo para mães jovens solo e como a mercantilização feminina (Fraser, 2011) acarreta uma dupla jornada de precarização e desvalorização em nome da emancipação.

A ficção seriada corrobora com os avanços da pauta feminina, mas que ainda é marcada por uma ampla desigualdade social que pode ser mais ou menos intensificada conforme o cruzamento entre as diferentes categorias identitárias. Ainda assim, ela apresenta construções femininas que vão além dos modelos “achatados” e fundados na estética e sexo biológico (Ferreira, 2021). O foco das personagens principais não é direcionado somente às relações amorosas heterossexuais, mas sobretudo à busca pela representatividade negra em ambientes corporativos e embate contra uma divisão sexual do trabalho que atribui o cuidado e maternidade somente às mulheres.

Mesmo entendendo o papel das ficções televisivas em promover discussões na sociedade sobre variados temas, de modo que seu consumo ajuda a refletir sobre as problemáticas postas em tela para uma possível expansão de mundos possíveis, pontuamos outra questão: qual seria o limite dos regimes de representação na negociação de mudanças estruturais e materiais na realidade das pessoas que experienciam opressões segundo o entrecruzamento entre os diferentes marcadores de diferença? Qual o papel dos eixos de reconhecimento e redistribuição para que, de fato, tenhamos esta reconfiguração? São indagações que não pretendemos esgotar neste artigo, mas que podem ser respondidas por futuras investigações que articulem a cultura de mídia com a consubstancialidade das relações sociais.

Referências

BIROLI, F.; MIGUEL, L. F. Gênero, raça, classe: opressões cruzadas e convergências na reprodução das desigualdades. **Mediações: Revista de Ciências Sociais**, Londrina, v. 20, n. 2, p. 27-55, 2015.

DAYRELL, Marina. Mulheres negras são apenas 3% entre líderes nas empresas, diz estudo. **Estadão**, São Paulo, 11 mar. 2022. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/economia/sua-carreira/mulheres-negras-lideres-empresas-estudo-gestao-kairos>. Acesso em: 23 ago. 2023.

ELLSWORTH, Elizabeth. Modos de Endereçamento: uma coisa de cinema; uma coisa de educação também. *In*: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Nunca fomos humanos: nos rastros do sujeito**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

FEDERICI, Silvia. **O patriarcado do salário: notas sobre Marx, gênero e feminismo**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2021.

FERREIRA, Amanda Magalhães. **Viva a diferença?** As representações das juventudes e das narrativas da diferença em Malhação, sob um olhar decolonial. 2021. 192 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Instituto de Ciências Sociais e Aplicadas, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2021.

FRASER, Nancy. Mercantilização, proteção social e emancipação: as ambivalências do feminismo na crise do capitalismo. **Revista Direito GV**, [S.l.], v. 7, p. 617-634, 2011.

GARCIA, Amanda Kovalczuk. Interseccionalidade ou consubstancialidade. **Novos Rumos Sociológicos**, [S.l.], v. 10, n. 18, p. 103-129, 2022.

GLOBOPLAY. As Five. **Globo Comunicação e Participações**, São Paulo, 12 de nov. de 2020. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/as-five/t/XNH9T9JnR8/>. Acesso em: 21 ago. de 2023.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

HIRATA, Helena; KERGOAT, Danièle. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. **Cadernos de Pesquisa**, v. 37, n. 132, p. 595-609, 2007.

HIRATA, H. Gênero, classe e raça Interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais. **Tempo Social**, [S. l.], v. 26, n. 1, p. 61-73, 2014.

HOW Motherhood hurts careers. **The Economist**, 30 jan. 2024. Disponível em: <https://www.economist.com/interactive/graphic-detail/2024/01/30/how-motherhood-hurts-careers>. Acesso em: 18 fev. 2024.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia – estudos culturais: identidade e política entre o**

moderno e o pós-moderno. Bauru: EDUSC, 2001.

KERGOAT, Danièle. Dinâmica e consubstancialidade das relações sociais. **Novos Estudos**, São Paulo, n. 86, p. 93-103, 2010.

KERGOAT, Danièle. Divisão sexual do trabalho. *In*: HIRATA, Helena *et. al.* **Dicionário crítico do feminismo**. São Paulo: Editora Unesp, 2019.

KING, Jean. Why the mental cost of a STEM career can be too high for women and people of colour. **Nature**, [S. l.], n. 626, p. 235, 2024.

MINUZZI, Carolina; PETERMANN, Juliana. Consubstancialidade: uma reflexão conceitual para pesquisas em publicidade. **Signos do Consumo**, [S.l.], v. 13, n. 1, p. 59-71, 2021.

MALHAÇÃO: Viva a Diferença ganha o Emmy Internacional Kids. **Gshow**, Rio de Janeiro, 9 abr. 2019. Disponível em: <https://gshow.globo.com/novelas/malhacao/2017/noticia/malhacao-viva-a-diferenca-ganha-o-emmy-internacional-kids.ghtml>. Acesso em: 21 ago. 2023.

PREDIGER, Solange. **Mídia e representação social juvenil: recepção do Programa Malhação**. 2011. 149 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Comunicação, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2011.

RIBEIRO, Regiane. Mulheres negras e mundo do trabalho: interseccionalidades (im) possíveis nas séries originais Netflix. *In*: XXIX Encontro da Compós. Campo Grande: UFMS. 2020. **Anais [...]**, Campo Grande, 2020.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, 1995.

SCHINCARIOL, Juliana. Falta diversidade racial no topo das empresas abertas. **Valor Econômico**, 29 jan. 2024. Disponível em: <https://valor.globo.com/carreira/noticia/2024/01/29/falta-diversidade-racial-no-topo-das-empresas-abertas.ghtml>. Acesso em: 12 fev. 2024.

SIGILIANO, Daiana *et. al.* A aprendizagem informal na produção de fanfics da série As Five *In*: IV Jornada Internacional GEMInIS. São Paulo: UFScar, 2021. **Anais [...]**, São Carlos, 2021.

Silva, Arthur Henrique Monteiro. **Atividade publicitária contestada: o discurso de consultorias LGBTQIA+ no fazer publicitário**. 2021. Dissertação (mestrado em Comunicação) - Setor de Artes, Comunicação e Design, Programa de Pós- Graduação em Comunicação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2021.

SORJ, Bila. Sociologia e trabalho: mutações, encontros e desencontros. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, [S.l.], v. 15, p. 25-34, 2000.

TAPSCOTT, Don. **A hora da geração digital: como os jovens que cresceram usando a**

internet estão mudando tudo, das empresas aos governos. Rio de Janeiro: Agir Negócios, 2010.

UNFPA. Apesar de redução, Brasil ainda apresenta dados elevados de gravidez e maternidade na adolescência, apontam especialistas. UNFPA, São Paulo, 16 set. 2022. Disponível em: <https://brazil.unfpa.org/pt-br/news/brasil-ainda-apresenta-dados-elevados-de-gravidez-e-maternidade-na-adolescencia>. Acesso em: 26 ago. 2023.

WORLD ECONOMIC FORUM. **Global Gender Gap Report 2023**. Geneva: World Economic Forum, 2023.

Dados de Autoria

Romão Matheus Neto

E-mail: romaomatheusneto@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-2325-3611>

Instituição: Universidade Federal do Paraná, Curitiba, Paraná, Brasil

Minibiografia: Doutorando e mestre em Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Paraná (PPGCOM-UFPR). Integrante do Núcleo de Estudos em Ficções Seriadas e Audiovisualidades (Nefics).

Arthur Henrique Monteiro Silva

E-mail: arthurmmonteiro@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-9665-8945>

Instituição: Universidade Federal do Paraná, Curitiba, Paraná, Brasil

Minibiografia: Doutorando e mestre em Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Paraná (PPGCOM-UFPR). Integrante do Núcleo de Estudos em Ficções Seriadas e Audiovisualidades (Nefics).

Regiane Regina Ribeiro

E-mail: regianeribeiro5@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1110-2902>

Instituição: Universidade Federal do Paraná, Curitiba, Paraná, Brasil

Minibiografia: Doutora e mestra em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Docente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Paraná (PPGCOM-UFPR). Líder do Núcleo de Estudos em Ficções Seriadas e Audiovisualidades (Nefics).

Dados do artigo

Resultado de projeto de pesquisa, de dissertação, tese:

O artigo não é resultado de projeto de pesquisa, dissertação ou tese.

Fontes de financiamento:

Não se aplica.

Apresentação anterior:

Não se aplica.

Agradecimentos/Contribuições adicionais:

Não se aplica.

Apenas para textos em coautoria

Concepção e desenho da pesquisa:

Romão Matheus Neto, Arthur Henrique Monteiro Silva.

Coleta de dados:

Romão Matheus Neto.

Análise e/ou interpretação dos dados:

Arthur Henrique Monteiro Silva.

Escrita e redação do artigo:

Romão Matheus Neto, Arthur Henrique Monteiro Silva, Regiane Ribeiro.

Revisão crítica do conteúdo intelectual:

Regiane Ribeiro.

Formatação e adequação do texto ao template da E-Compós:

Romão Matheus Neto, Arthur Henrique Monteiro Silva.

Dados sobre Cuidados Éticos e Integridade Científica

A pesquisa que resultou neste artigo teve financiamento?

Não.

Financiadores influenciaram em alguma etapa ou resultado da pesquisa?

Não.

Liste os financiadores da pesquisa:

Não se aplica.

Autora, autor, autores têm algum tipo de vínculo ou proximidade com os financiadores da pesquisa?

Não se aplica.

Descreva o vínculo apontado na questão anterior:

Não se aplica.

Autora, autor, autores têm algum tipo de vínculo ou proximidade com alguma pessoa ou organização mencionada pelo artigo?

Não.

Descreva o vínculo apontado na questão anterior:

Não se aplica

Autora, autor, autores têm algum vínculo ou proximidade com alguma pessoa ou organização que pode ser afetada direta ou indiretamente pelo artigo?

Não.

Descreva o vínculo apontado na questão anterior:

Não se aplica.

Interferências políticas ou econômicas produziram efeitos indesejados ou inesperados à pesquisa, alterando ou comprometendo os resultados do estudo?

Não.

Que interferências foram detectadas?

Não se aplica.

Mencione outros eventuais conflitos de interesse no desenvolvimento da pesquisa ou produção do artigo

Não se aplica.

A pesquisa que originou este artigo foi realizada com seres humanos?

Não.

Entrevistas, grupos focais, aplicação de questionários e experimentações envolvendo seres humanos tiveram o conhecimento e a concordância dos participantes da pesquisa?

Não se aplica.

Participantes da pesquisa assinaram Termo de Consentimento Livre e Esclarecido?

Não se aplica porque a pesquisa não envolveu a participação de seres humanos.

A pesquisa tramitou em Comitê de Ética em Pesquisa?

Não se aplica porque a pesquisa não envolveu a participação de seres humanos.

O Comitê de Ética em Pesquisa aprovou a coleta dos dados?

Não se aplica porque a pesquisa não envolveu a participação de seres humanos.

Mencione outros cuidados éticos adotados na realização da pesquisa e na produção do artigo:

Não se aplica porque a pesquisa não envolveu a participação de seres humanos.